

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2019-03-07

Deposited version:

Post-print

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Raposo, O. (2018). Guias da periferia: usos da arte urbana num bairro precarizado de Lisboa. In Renata Gonçalves, Lígia Ferro (Ed.), *Cidades em mudança: processos participativos em Portugal e no Brasil*. (pp. 127-144). Rio de Janeiro: Mauad Editora.

Further information on publisher's website:

--

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Raposo, O. (2018). Guias da periferia: usos da arte urbana num bairro precarizado de Lisboa. In Renata Gonçalves, Lígia Ferro (Ed.), *Cidades em mudança: processos participativos em Portugal e no Brasil*. (pp. 127-144). Rio de Janeiro: Mauad Editora.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

Guias da Periferia: usos da arte urbana num bairro precarizado de Lisboa

Otávio Raposo¹ (CIES-IUL)

A Quinta da Mocho, um bairro da periferia de Lisboa, transformou-se numa das maiores galerias de arte urbana a céu aberto da Europa, com mais de 70 grafites a decorar as fachadas dos seus prédios de habitação social. Esta política pública é organizada pela Câmara Municipal de Loures e conta com a participação de jovens do bairro. Nas visitas guiadas que dinamizam, eles apresentam uma perspectiva que contraria os tradicionais estereótipos sobre o bairro, até então considerado como um dos mais “problemáticos” da Região Metropolitana de Lisboa. A partir do acompanhamento etnográfico dessas visitas, procuro refletir sobre segregação, cidadania, políticas públicas e a utilização da arte urbana na abordagem das questões sociais.

Palavras-chave: arte urbana, graffiti, periferia, políticas públicas, Quinta do Mocho

1. Quinta do Mocho: dando a volta nos estigmas

Na Quinta do Mocho, um bairro precarizado da Região Metropolitana de Lisboa situado na cidade de Loures, um grupo de jovens dinamizava visitas guiadas às obras artísticas que decoravam os prédios onde viviam. Apresentado como prática cidadã e uma oportunidade para desenvolver ações em prol da “comunidade”, essa participação juvenil implicava o trabalho voluntário para a Prefeitura, responsável pela Galeria de Arte Pública (GAP) do bairro. Não obstante, os jovens tinham a expectativa de esta parceria se converter numa alternativa viável de trabalho, uma forma de eles aproveitarem os benefícios advindos do grande fluxo de turistas.

Com mais de 70 obras em grande escala, entre *graffitis*, pinturas e esculturas, a Quinta do Mocho transformou-se numa das maiores galerias de arte urbana a céu aberto da Europa. Rotulado, anteriormente, como “bairro problemático” pela mídia em função da suposta relação dos seus jovens moradores com a criminalidade, a Quinta do Mocho

¹ Em pós-doutoramento em Antropologia no Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL) e no Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-IUL), Portugal. E-mail: otavio_raposo@iscte-iul.pt. Agradeço especialmente à Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) pelo financiamento da pesquisa que dá lugar ao presente texto.

hoje “atrai mais visitantes do que a maioria dos museus²”. A sua ampla diversidade de obras inclui trabalhos de renomados artistas portugueses (Odeith, Bordalo II e Vhils) e internacionais (Hopare, Utopia e Vinie), o que torna este bairro um dos focos da arte urbana em Portugal. Isto contribuiu para alterar a sua imagem exterior, um processo de requalificação discursiva (e imagética) que contrapõem os estereótipos de violência a que o bairro ainda é associado. Tal êxito não pode ser descurado do papel dos guias comunitários, responsáveis por dar visibilidade a essa política pública. O uso da rua e a leitura iconográfica das pinturas³ constituem a base da dinâmica das visitas, organizada pela Prefeitura no último sábado de cada mês desde meados de 2015. Durante as 3 horas da visita, os guias contam os significados simbólicos de cada intervenção artística, identificando os seus autores, traços e *tags*.

Fig. 1.1: Visita guiada – Imagem ao fundo dos artistas Vespa/Nomen/Utopia
(Fotografia de Otávio Raposo)

Utilizam também a arte urbana para abordar o contexto social dos moradores e o alegado processo de “regeneração” que o bairro estaria atravessando. Sobre esta questão, o guia Kedy, 30 anos, falou o seguinte:

Está a ser transformador, está a ser importante, está a ser inspirador. Este bairro precisava de uma coisa dessa para mudar, era uma oportunidade (...) Porque havia muita gente que se tapava com uma máscara, tinha vergonha de ir para a escola e dizer que era da Quinta do Mocho, tinha vergonha de procurar um trabalho porque sabia que não iria conseguir por serem da Quinta do Mocho. Havia muito esse estigma. (...) E no fundo está a haver uma transformação de uma marca negativa para uma marca positiva. [Entrevista, 18/04/2016 – Quinta do Mocho]

Concebida pelo artista Nomen, a imagem de uma mulher negra a retirar uma máscara branca é paradigmática do estigma territorial e do racismo a que os moradores estão expostos cotidianamente, uma alegoria desafiadora do ocultamento histórico da

² Esta informação foi pronunciada pelo prefeito de Loures: Bernardino Soares. Ver: <https://www.publico.pt/2016/05/12/local/noticia/o-bairro-onde-ninguem-queria-entrar-ja-recebe-mais-visitas-do-que-os-museus-1731827>

³ Embora várias obras da Quinta do Mocho sejam nomeadas como *graffiti* pelos guias comunitários, irei evitar esse termo dada a domesticação da sua natureza transgressiva nos moldes da arte urbana desenvolvida pela GAP.

presença negra e africana em Portugal⁴. Outras obras também dialogam com a realidade do bairro, habitado quase exclusivamente por famílias imigrantes vindas das antigas colônias portuguesas em África. Encontramos desde personagens femininos, uma homenagem às mulheres do bairro, até a pintura do líder africano Amílcar Cabral.

Fig. 1.2: Mulher Negra – Artista Noé (Fotografia de Otávio Raposo)

A transformação de um dos prédios da Quinta do Mocho numa caixa de papelão (para expedição) virada ao contrário remete ao modo como os imigrantes são “largados” em áreas negligenciadas da cidade. Com o continente africano desenhado e a palavra “África” em destaque, vê-se também um macacão ao lado de um avental doméstico, símbolos dos trabalhos mais comuns exercidos por homens (construção civil) e mulheres (limpeza) do bairro. A falta de reconhecimento do papel dos imigrantes na sociedade portuguesa ficaria patente na fala de Kedy durante uma visita:

Nós sabemos que muitas das coisas boas que Portugal tem, desde a Ponte Vasco da Gama à Expo [Exposição Mundial de 1998] foi feita à custa de muita imigração, muito trabalho duro, não é?! E isso também foi importante. Por isso que o nome da obra é “Worker Ghetto Box”, e simboliza a África e representa o papel dos imigrantes em Portugal. [Diário de campo, 30/04/2016 – Quinta do Mocho]

Fig. 1.3: Worker Ghetto Box – Artista MTO (Fotografia de Otávio Raposo)

Habitada por 844 famílias, num total de 2.874 pessoas⁵ (CML, 2010), a Quinta do Mocho é formada por 91 prédios, todos eles propriedade da Prefeitura. Nomeado como um “bairro social”, a atual Quinta do Mocho foi construída entre 1998 e 2002 para realojar famílias que habitavam quatro torres inacabadas rodeadas de barracos. A extrema precariedade da antiga Quinta do Mocho foi descrita da seguinte forma:

⁴ Segundo Didier Lahon (2004), os negros (escravos e livres) na capital portuguesa terão representado cerca de 15% da população entre o fim do século XVII e meados do séc. XVIII, uma influência que se fez sentir no vocabulário, na agricultura, na religião, no teatro, na literatura e na música (Tinhorão, 1997). Contudo, essa presença negra em Portugal foi silenciada até o seu (quase) completo esquecimento, sendo invisibilizada nos manuais escolares.

⁵ O contínuo fluxo de famílias no bairro e as situações não regularizadas de alguns moradores com a Prefeitura tornam esses dados apenas um indicativo, sendo bastante provável que este número esteja subdimensionado.

São precários os edifícios semiacabados de dez pisos, assim como as frágeis instalações clandestinas de eletricidade, água e esgotos domiciliários. É precária a envolvente dos edifícios, com montes de lixo, uma multiplicidade de poças de lama e mesmo autênticos charcos, onde a água das chuvas se mistura com a dos esgotos. (Letria e Malheiros, 1999, p.74)

Desde a sua emergência, no final da década de 1960, que essa urbanização foi marcada pelos desacordos entre a construtora J. Pimenta e os poderes públicos, um processo que se agudizou na sequência da Revolução de Abril de 1974, quando a empresa foi intervencionada pelo Estado. O imbróglio burocrático e a falência dessa construtora nos anos seguintes atraíram para o local imigrantes africanos que não tinham possibilidades de arcar com os custos de uma moradia formal. Rapidamente, o número de famílias a ocupar a área explodiu e, no final da década de 1990, esta população ultrapassava os 3 mil habitantes (Idem).

As más condições de habitabilidade não eram exclusivas da Quinta do Mocho, e noutros bairros periféricos repetiam-se situações precárias, em que a autoconstrução era a solução de moradia possível para milhares de famílias⁶. Foi neste contexto que se criou o Plano Especial de Realojamento (PER) em 1993, um período em que a periferia de Lisboa era “descoberta” mediaticamente, ainda que sob um viés racializado e predatório (Alves, 2016; Raposo e Varela, 2017).

A Quinta do Mocho foi um dos primeiros bairros a ser abrangido pelo PER, naquele que foi um realojamento em duas fases: abril de 2000 e março de 2002 (Ramalho e Trovão, 2010). Apesar de erguida num terreno próximo das antigas torres ocupadas, o bairro atual repetiu alguns dos erros daquela que foi a “fórmula” do PER para lidar com os problemas habitacionais das populações desfavorecidas e indesejadas: empurrá-las para urbanizações desoladas, onde escasseiam redes de transporte e o acesso aos serviços (Raposo *et. al* 2018). Embora o realojamento tenha significado para muitas famílias uma melhoria nas condições de habitação, não representou uma alteração no modo como essas populações e os seus territórios eram retratados (EUMC, 2003). Notícias que conotavam os seus moradores com a criminalidade continuaram a proliferar, um estereótipo construído a partir da generalização das práticas desviantes de uma diminuta parte da sua população (Elias & Scotson, 2000). Racialmente conotado, o bairro da

⁶ Com uma densidade inferior à maioria das cidades da Região Metropolitana de Lisboa, Loures abriga amplas áreas livres para a construção de moradias, o que originou múltiplas situações de autoconstrução (e de realojamento) entre populações portuguesas e imigrantes (Baptista e Cordeiro, 2002).

Quinta do Mocho era enunciado como um “corpo urbano poluído” (Alves, 2016, p. 102), onde jovens negros eram associados às gangues violentas. Essa representação estigmatizante exercia um impacto negativo nas construções identitárias dos jovens, ao suscitar angústia, desconfiança e baixa autoestima (Marôpo, 2014).

Fig. 1.4: Panorâmica da Quinta do Mocho (Fotografia de Otávio Raposo)

Para lidar com essa imagem pública negativa, a Prefeitura de Loures alterou o nome do bairro para Urbanização Terraços da Ponte em 2008, uma estratégia que se mostrou ineficaz. Tanto as notícias depreciativas continuaram, como estas nunca deixaram de o identificar como Quinta do Mocho. Mesmo os moradores nunca se afeiçoaram ao nome que fora imposto, mantendo a designação anterior numa clara demonstração do peso da memória e do sentimento de pertença ao bairro⁷. Alterar a imagem estigmatizada da Quinta do Mocho também foi o objetivo do Festival de Arte Urbana *O Bairro i o Mundo*, quando, em setembro de 2014, realizou-se os primeiros murais artísticos. Organizado pela Associação de Teatro Ibisco e a Prefeitura de Loures, o seu mote era “mostrar o bairro ao mundo e trazer o mundo ao bairro” através da arte e participação popular⁸. No ano seguinte esse projeto transformar-se-ia na Galeria de Arte Pública (GAP), quando se multiplicaram o número de obras artísticas e as visitas guiadas tornaram-se regulares.

O envolvimento de alguns jovens do bairro enquanto guias comunitários foi determinante para alavancar o novo projeto de arte urbana concebido pela Prefeitura. Convidados a assumirem responsabilidades na transformação da Quinta do Mocho, eles se tornaram promotores dessa política pública. Contudo, isso também implicava disponibilidade para um trabalho voluntário (e não remunerado), uma situação que passou a ser contestada pelos próprios guias diante das dificuldades econômicas enfrentadas.

2. Guias da periferia

⁷ O nome oficial do bairro voltou a ser Quinta do Mocho em 2014 após a mudança de governação da Prefeitura de Loures.

⁸ Para mais informações, ver: <https://www.facebook.com/O-Bairro-i-o-Mundo-370204329765600/>

O convite feito a Kedy, 30 anos, para ser guia não é de espantar. Ele é identificado pelos moradores como líder comunitário e artista da cena hip-hop, desenvolvendo ações coletivas no campo da arte e do associativismo há vários anos. Nascido em São Tomé e Príncipe, Kedy veio para Portugal com 16 anos, indo viver na Quinta do Mocho com a família em 2002, numa altura em que o processo de realojamento ainda estava a decorrer. O estranhamento de sair de um país pacato para viver numa grande metrópole marcou a fase inicial da sua adaptação, quando sentiu na própria “pele” as adversidades da segregação residencial.

Eu quando cá cheguei, a primeira constatação que fiz foi: “Eh pá, eu saí de uma ilha para ir para outra ilha”. Infelizmente a Quinta do Mocho era uma ilha, não existia nada ao redor, não existia centro de saúde, supermercado, o autocarro [ônibus] não entrava aqui, era uma coisa mesmo triste. Começou a haver muitos problemas de delinquência juvenil, desestruturação familiar e havia muitos conflitos. E nós que nunca vivemos problemas desse gênero, ao chegar aqui chocámos um pouco. [Entrevista, 20/02/2016 – Quinta do Mocho]

O ingresso no coletivo de rappers “Império Suburbano” potenciou as características de mediação de Kedy, ao incentivar a sua circulação para além das fronteiras da Quinta do Mocho e multiplicar as suas redes de amizade. A participação em shows com esse coletivo levou-o a lugares nunca antes frequentados, tanto em bairros periféricos como em prestigiados ambientes culturais do centro lisboeta, o que lhe permitiu aceder às várias “redes de significado” presentes na metrópole (Geertz, 2008). Com o passar do tempo, ele tornar-se-ia uma referência para os jovens da Quinta do Mocho, sendo convidado, em 2006, a ingressar no Programa Escolhas⁹ do seu bairro. Durante os cerca de sete anos em que aí trabalhou, ajudou a fundar a Associação Jovens Estrelas do Bairro e organizou inúmeras atividades culturais.

Kedy concluiu recentemente a graduação em Engenharia Química no Instituto Politécnico de Setúbal. Enquanto buscava emprego nessa área, obtinha rendimentos através das formações que realizava para a Academia Ubuntu¹⁰ e com a venda de produtos de *merchandise* para os turistas da GAP. Desde que começou a trabalhar como monitor numa instituição particular de solidariedade social (IPSS) que acolhe pré-

⁹ O Escolhas é um programa governamental de inclusão social de crianças e jovens de contextos desfavorecidos, criado em 2001, e que atua em todo o território nacional. Ver: <http://www.programaescolhas.pt/>

¹⁰ A academia Ubuntu é um projeto social desenvolvido pelo Instituto Padre António Vieira que visa capacitar jovens para a liderança e o empreendedorismo. Ver: <http://www.pontesubuntu.org/index.php/pt/>

adolescentes institucionalizados, Kedy deixou de dinamizar visitas guiadas para a Prefeitura com a frequência de outrora. Como o próprio revela:

Agora com o trabalho poderei realizar uma visita ou outra, mas a disponibilidade é pequena e a partir de março vou iniciar o mestrado. Estar a trabalhar também ajuda a compreender que eu já não tenho a mesma disponibilidade de outros tempos. [Diário de campo, 21/01/2018 – Lisboa]

A paixão de Kally, 37 anos, pelo mundo do graffiti foi determinante para que ele se tornasse guia comunitário. Morador da Quinta do Mocho entre 2001-2004 e, posteriormente, de 2012 em diante, Kally foi criado pela sua avó na cidade do Porto, onde aprendeu os segredos do graffiti quando esta ainda era considerada uma arte marginal¹¹. Nascido em Angola, ele foi trazido pela mãe para Portugal com 4 anos de idade para escapar da guerra civil. Poucos meses depois, a mãe regressou à terra natal na esperança de voltar para Portugal com toda a família. Contudo, o encerramento das fronteiras angolanas impediu a reunificação familiar, tendo Kally de aguardar 15 anos para reencontrá-la. Foi a vontade de conhecer melhor a sua mãe que o motivou a mudar-se para Lisboa, período em que viveu em diversas localidades da sua região metropolitana: Casal São Brás (Amadora), Cacém (Sintra), Tires (Cascais) e Quinta do Mocho (Loures).

Diferente de onde vivia no Porto, onde os negros eram muito poucos, Kally estranhou viver em bairros onde estes não estavam em minoria. É o caso da Quinta do Mocho, cujas referências culturais africanas estão por todo a parte: língua, culinária, religião, festas, roupas, etc. Em contraste com esse ambiente, o sotaque de Kally denuncia a sua “origem” do norte de Portugal. Não por acaso, o seu apelido no bairro ser “nortenho”. Com uma trajetória biográfica diferente da maioria dos seus colegas, Kally não esconde as dificuldades que enfrentou na sua adaptação em Lisboa:

Posso te dizer que, para já, a primeira coisa que eu senti aqui foi muito mais discriminação que alguma vez eu tive no Porto, porque para os brancos eu sou preto e para os pretos eu sou branco porque não tenho sotaque. Nasci num outro sítio [lugar], não estava tão familiarizado com a cultura africana, então para eles eu era branco. Por causa disso eu senti mesmo muita discriminação. [Entrevista, 11/04/2017 – Quinta do Mocho]

¹¹ Originalmente de índole subversiva, ilegal e não comercial (Campos, 2010; Ferro, 2016), o graffiti foi reconfigurado por agentes diversos – autarquias, mídia, universidades, urbanistas, empreendedores culturais –, sofrendo efeitos de “artificação” (Shapiro e Heinich, 2013) que está a alterar o seu estatuto “marginal” com vista uma legitimação no mundo da arte.

Com o secundário incompleto, Kally tem mais de 10 anos de experiência de trabalho em *call-centers*. Isso aguçou as suas características de intérprete e bom orador, inclusive em inglês. O carisma que transmite aos turistas nas visitas é revelador da satisfação que sente em promover a Quinta do Mocho, uma forma de combater o estigma daquele que é hoje o seu lar:

Eu sempre tive um à vontade e gosto de lidar com o público, mas eu não sou um vendedor, eu sou um promotor. E satisfaz-me imenso promover o meu bairro. Satisfaz-me imenso mudar consciências das pessoas, satisfaz-me imenso começar uma visita e ver que as pessoas que estão mais para trás estão um bocado com medo, e chegar a meio da visita e ver que aquelas pessoas que estavam mais para trás agora já são as que estão mais à frente. Ver a cara das pessoas que entram aqui um bocado desconfiadas e chegarem a meio da visita ou no final dela e darem um feedback que é das melhores coisas que eles já viram: não só o bairro, mas a maneira como nós o apresentamos. [Entrevista, 11/04/2017 – Quinta do Mocho]

3. Instrumentalização da arte urbana: a retórica do voluntariado

Fazerem algo de que gostam em prol do bairro funcionou como estímulo inicial para que Kedy e Kally aceitassem ser guias voluntários. Os efeitos benéficos da arte urbana no combate à estigmatização da Quinta do Mocho encorajou-os a serem parceiros da Prefeitura, um esforço que era premiado em manchetes de jornais e revistas: *Arte Urbana para recuperar imagem da Quinta do Mocho* (DN, 2014); *Um bairro problemático transformado em Galeria de Arte Pública* (TSF, 2015); *O bairro onde ninguém quer entrar já ‘recebe mais visitas que os museus’* (Público, 2016). A amplitude dessa requalificação discursiva pode ser melhor visualizada nas *wordclouds* que elaborei antes e depois da realização das primeiras obras artísticas no bairro.

Fig. 3.1: títulos e resumos de 26 notícias no *Google*
(até agosto de 2014)

Fig. 3.2: títulos e resumos de 74 notícias no *Google*
(a partir de setembro de 2014)

A primeira *wordcloud* reúne as palavras que mais apareciam na mídia online associadas à Quinta do Mocho até agosto de 2014: morto, jovem, bairro, tiroteio, casa, Loures, esfaqueado, madrugada. A partir de setembro de 2014, não apenas se multiplicaram as notícias associadas ao bairro como a própria temática alterou-se, o que se pode constatar pelas palavras mais repetidas: arte, bairro, galeria, Loures, Sacavém, mundo, Lisboa, pública. Reconvertida simbolicamente em território de arte e cultura, a Quinta do

Mocho foi integrada nos circuitos de turismo do país e a vinda de visitantes de fora do bairro tornou-se comum.

Orgulhosos de serem agentes basilares na transformação da imagem do bairro, Kedy e Kally, durante algum tempo, não viam como um problema prestar serviços gratuitos à Prefeitura enquanto guias. Contudo, a pressão econômica decorrente do desemprego e o aumento do número de visitas fizeram crescer as contradições de exercerem uma atividade laboral não remunerada, eufemisticamente chamada de voluntariado. Esta situação era ainda mais controversa no caso de Kally, que é pai solteiro, tendo um filho pequeno sob sua guarda. Aliada à retórica do trabalho voluntário, como instrumento para a “reabilitação do bairro”, havia a exigência de que as visitas guiadas fossem gratuitas para os turistas, com o argumento de que a GAP era uma obra social do município de Loures. Um pequeno contributo voluntário para os guias ainda chegou a ser pedido por funcionários e políticos da autarquia nas visitas iniciais, uma situação que foi rejeitada pelos guias, incomodados por serem tratados como “coitados”. Como relembra Kally:

Por que a Câmara [Prefeitura] que é uma instituição que gere isso tudo e nos pode dar trabalho, por que eles estão a pedir esmolas para nós? Nós não somos coitados e não precisamos que alguém venha a dizer que nós somos coitados. Então nós falamos com eles e dissemos: “não, acabem com isso”. [Entrevista, 09/11/2017 – Quinta do Mocho]

A solução para a insatisfação dos guias foi incentivá-los a se autossustentarem através do empreendedorismo. Atraídos por esse discurso, Kedy e Kally criaram produtos de *merchandise* – imãs e broches adornados com as pinturas do bairro – para serem vendidos aos turistas, uma forma de obterem rendimento e darem sustentabilidade ao projeto. Não obstante, as quantias auferidas na venda desses produtos revelaram-se insuficientes para garantir o mínimo de subsistência.

A atuação da Prefeitura de Loures segue as recomendações das organizações internacionais, como a ONU e a UNESCO¹², privilegiando o voluntariado, o empreendedorismo e o protagonismo juvenil em suas políticas de integração. A aposta é estimular a sensibilidade dos jovens para a transformação do mundo por meio do trabalho voluntário. Diferente da antiga caridade, o novo voluntariado assume-se como prática cidadã, em que o jovem protagonista acumula os papéis de “beneficiário” e “participante” das intervenções dirigidas para a sua comunidade (Sousa, 2006). Segundo

¹² Sobre este aspecto ver Souza (2008) e Tommasi (2014).

esta perspectiva, a possibilidade de mudança social não caberia mais à política, mas à solidariedade individual, capaz de integrar a sociedade em sua totalidade desde que “cada um faça a sua parte”. Tal retórica não apenas apaga os antagonismos e as divisões de classe como pressupõe um objetivo comum ao todo social, sem críticas, conflitos ou revoltas. O “fazer” torna-se a fórmula privilegiada de intervir na sociedade, uma nova modalidade de fazer política que se apropria das forças e dos desejos de transformação dos jovens para resolver problemas nos seus territórios. No entanto, esse modelo de participação pode originar aquilo que Regina Souza considera ser a “anulação da política” (2008, p. 12), na medida em que oferece poucas hipóteses para o discurso autônomo e emancipador. A subjetividade dos jovens passa a ser domesticada pelo receituário do desenvolvimento local, e a tentativa genuína de solucionar os problemas do cotidiano é atravessada pela ideia de responsabilização individual, meritocracia e empreendedorismo. Convertidos em “jovens-solução” (Souza 2008; Tommasi 2014), seus sonhos, suas energias e atos de rebeldia são aprisionados por dispositivos de gestão (pública ou privada) voltados para populações “vulneráveis”, cumprindo alguns deles a função de mediadores em projetos culturais tidos como “comunitários”. Dessa forma, os guias do Mocho eram apresentados não apenas como interlocutores da Prefeitura, mas também referências a serem imitadas pelos demais jovens, simbolizando o bem-sucedido processo de revitalização (e integração) do bairro.

Com vista a dar sustentabilidade ao trabalho de guia, Kedy e Kally solicitaram à Prefeitura a utilização de uma das muitas lojas desocupadas da Quinta do Mocho. De acordo com o projeto enviado, ter um espaço físico iria aprimorar o atendimento e a venda de produtos aos turistas. Esta era feita habitualmente de forma precária no espaço público, muitas vezes apoiada apenas por um banco de jardim, o que dificultava as possibilidades de negócio. Ter uma loja especializada em arte urbana qualificaria o atendimento aos turistas, para além de facilitar a inclusão de novos produtos: canecas, chaveiros e camisas. Contudo, essa proposta foi rejeitada pela Prefeitura com a justificativa de que era preciso que eles constituíssem uma associação formal para este fim¹³.

Apesar de a Prefeitura de Loures apregoar a necessidade de os guias se autossustentarem, havia pouca solidariedade para apoiá-los. Exigia-se de Kedy, Kally e

¹³ A criação de uma associação de guias é um dos objetivos futuros desses jovens.

outros guias¹⁴ disponibilidade, dedicação e pontualidade nas visitas guiadas, quando pouco suporte lhes era oferecido. À medida que crescia o número de obras artísticas e visitas¹⁵ – alcançou um ritmo semanal em 2017 –, também aumentava as discordâncias (e tensões) entre guias e representantes da Prefeitura sobre os rumos da GAP. As seguintes anotações no meu diário de campo são emblemáticas do ambiente vivido naquela altura:

Já são dois anos a trabalhar de graça para a Câmara [Prefeitura]. No princípio eu até relevava pois era um projeto que iria trazer boas coisas ao bairro. Mas depois de dois anos nessa situação... Um gajo [pessoa] não é parvo [bobo] pá! Acabamos por estar numa situação de precariedade, e ficamos os dias a contar moedas. Eles não, voltam para a casa no final do mês com o salário no bolso. [19/05/2017 – Quinta do Mocho]

As pessoas começam a perceber que os graffitis e as visitas não estão a reverter em benefício ao bairro. Muitos moradores estão a perder a paciência e nós já recebemos pressão para deixar de fazer visitas [7/10/2017 – Quinta do Mocho]

Mais críticos sobre o projeto de arte urbana que estavam a desenvolver, os guias passaram a questionar os reais benefícios da GAP, numa altura em que os moradores também mostravam insatisfação. Atentos ao multiplicar de murais artísticos na fachada de seus prédios, eles não viam atendidas reivindicações históricas e prioritárias: infiltrações nos apartamentos, infestação de mosquitos, áreas de lazer degradadas, limpeza insuficiente, etc. Como afirmou Hélder, um morador de 28 anos:

Eu falo por mim, estou farto de graffiti. Temos imensos graffitis, mas os mosquitos que falamos na reunião comunitária continuam. É muito mais importante para a minha saúde os mosquitos que os graffitis. Os parques infantis continuam por arranjar (...) Vão ganhar as eleições novamente com a demagogia de que melhoraram imenso esse bairro, quando não melhoraram coisa nenhuma. Foi uma operação de estética no bairro, dão uma aparência mais bonita para os turistas que vem cá. [Entrevista, 15/08/2017 – Quinta do Mocho]

O diminuto diálogo da Prefeitura com os habitantes da Quinta do Mocho sobre a dinâmica da GAP também contribuía para o desgaste das relações. Os moradores não tinham oportunidade para escolher os temas que iriam compor os murais, uma decisão que era atribuída em exclusividade aos artistas, muitas vezes antes de conhecerem o

¹⁴ Apesar de outros jovens do bairro terem atuado como guias comunitários, Kedy e Kally eram os principais “rostos” do projeto.

¹⁵ De acordo com funcionários da Prefeitura, o número de visitantes duplicou entre 2016 e 2017, passando de 1500 turistas para mais de 3 mil.

bairro. Não era raro moradores descobrirem que os seus prédios seriam pintados no próprio dia, quando o barulho das gruas utilizadas pelos artistas denunciava um “fato consumado”. Destituídos do direito à palavra, a participação dos moradores na construção da imagética e do simbolismo de cada obra era assim bastante limitada, dependente da sensibilidade do artista para incorporá-los ao processo criativo¹⁶.

A exclusão dos moradores das decisões sobre a GAP deu origem a uma pequena revolta, quando Vhils, apoiado por técnicos da autarquia, estava se preparando para desenhar o rosto do *Dj Nervoso*¹⁷ em junho de 2015. Até então, ninguém da Quinta do Mocho tinha tido o rosto reproduzido na parede, porque a Prefeitura assegurou que jamais utilizaria a imagem de um habitante do bairro. Esse precedente inflamou os ânimos dos moradores que, às dezenas, protestaram contra o desenho, ameaçando destruí-lo. As discussões foram tão tensas que a Prefeitura foi obrigada a alterar o local original da obra: desistiu de uma das ruas mais movimentadas do bairro para ir para uma das suas bordas.

Fig. 3.3: Dj Nervoso – Artista Vhils (Fotografia de Otávio Raposo)

Diante da crescente insatisfação dos moradores, a Prefeitura de Loures acabou por atender a algumas das suas reivindicações após o conflito. Atualmente, há linhas de ônibus a percorrer o bairro, portas na entrada dos edifícios e rampas para deficientes foram instaladas, para além dos serviços de limpeza funcionarem com mais regularidade. Mas vários dos problemas persistem, muitos deles decorrentes da falta de manutenção dos edifícios, o que é agravado pela má qualidade das construções.

As divergências entre a Prefeitura e os guias agudizaram-se no ano eleitoral de 2017. Decepcionados com os poucos investimentos sociais no bairro, crescia também a desconfiança de que os seus esforços na dinamização da GAP estariam a ser usados pela Prefeitura para angariar votos e prestígio. Não por acaso, a Quinta do Mocho esteve no centro da disputa eleitoral, como é possível depreender das palavras do prefeito Bernardino Soares durante o debate televisivo¹⁸:

¹⁶ O fato de nunca ter havido um workshop estruturado de *graffiti* aos jovens do bairro no âmbito da GAP é paradigmático da posição secundária que lhes é atribuída nessa política pública.

¹⁷ Morador da Quinta do Mocho, o *Dj Nervoso* foi um dos precursores de um novo ritmo chamado *batida*, cuja cadência é garantida por softwares de produção musical numa fusão de diferentes estilos: do *funaná* ao *afro-house*, da música eletrónica ao *afro-beat*.

¹⁸ Para aceder ao debate completo: <http://www.tvi24.iol.pt/videos/a-caminho-das-autarquicas/a-caminho-das-autarquicas-loures/59bafd840cf2a96cb1f4e65c>

O que nós fizemos na Quinta do Mocho foi de fato um programa de grande sucesso que visou em primeiro lugar a integração social e depois ultrapassou muito isso porque hoje é uma mais-valia cultural de grande nível europeu e mundial. Nós ali temos visitas todas as semanas, agências de viagens trazem turistas dos cruzeiros para irem visitar a Quinta do Mocho. E o bairro transformou-se. [19/07/2017]

Com vista a conter a inquietação dos guias e mantê-los ativos num período decisivo para aquela governação, a Prefeitura prometeu em 2017 facultar-lhes um apoio financeiro. Durante os cerca de 5 meses que estiveram à espera para efetivar o contrato de trabalho, houve um crescimento exponencial do número de visitas guiadas na Quinta do Mocho¹⁹. Finalmente, foi-lhes transmitida a informação de que o contrato só iria avançar depois das eleições municipais.

Desiludido com aquilo que tinha sido acordado, Kally foi trabalhar num call-center, tendo comunicado à Prefeitura que não teria mais disponibilidade para fazer visitas gratuitas. Foi Kedy quem as assegurou até o final do ano, período em que apoiou a reeleição de Bernardino Soares à Prefeitura de Loures. Confrontado com a necessidade de sobrevivência, Kedy foi trabalhar de forma precária num restaurante até conseguir, no ano seguinte, um contrato de trabalho enquanto monitor de jovens. Contente por estar com a vida mais organizada, Kedy desabafou:

Eu precisava disso, mostrar que era capaz de organizar a minha vida sem estar na dependência de promessas da Câmara [Prefeitura]. [Diário de campo, 21/01/2018 – Lisboa].

Mesmo com as dificuldades, Kedy e Kally mantêm a esperança de fazer das visitas guiadas um meio de inserção laboral. Este sonho é alimentado tanto pelo prazer de contribuírem para a mudança da imagem do bairro, como pela “sensação de cidadania” (Arantes, 2000, p. 47) decorrente de um trabalho criativo que lhes dá algum reconhecimento²⁰. Desapontados com a burocracia e falta de vontade da autarquia de alterar o estatuto precário em que se encontravam, eles passaram a organizar visitas guiadas independentes da Prefeitura, cobrando um pequeno valor aos turistas. Essa autonomia não impede que eles continuem a cooperar com a Prefeitura, uma relação que

¹⁹ Só em julho de 2017 foram realizadas 21 visitas guiadas ao bairro.

²⁰ Kally e Kedy já foram entrevistados inúmeras vezes por jornais e revistas, tendo aparecido também em programas televisivos. Para além dos efeitos positivos advindas dessa exposição mediática na autoestima, a participação na GAP levou a uma ampliação das suas redes de sociabilidade.

nem sempre é harmoniosa, dependendo do modo como os interesses em torno da GAP são disputados.

4. Considerações finais

O acompanhamento etnográfico dos guias comunitários da Quinta do Mocho, nas suas complexas negociações com o poder público, permitiu-nos observar uma experiência inovadora de enfrentamento dos processos de segregação e rotulagem através da arte. É preciso reconhecer que a GAP apresenta resultados positivos no combate à estigmatização, pois o bairro passou a ser apontado pela mídia como referência de arte urbana em Portugal, deixando de estar vinculado exclusivamente aos temas da violência. Contudo, a tentativa dessa política pública para configurar novos sentidos de urbanidade ao bairro esbarra em dinâmicas que perpetuam o regime de precariedade dos seus habitantes. Em nome da requalificação da Quinta do Mocho estimula-se a cidadania dos jovens por via do trabalho voluntário, uma forma de engajamento que não incorpora a noção de direitos (Souza, 2008). Não apenas os guias tornaram-se prestadores de serviços gratuitos à Prefeitura, como foi forjado um discurso de que a chave para a resolução dos problemas do bairro passaria pelo protagonismo, pela cooperação e pelo empreendedorismo dos seus moradores. Atraídos pela possibilidade de influenciar decisões e realizar ações que valorizem o seu bairro, os jovens passam a estar limitados à execução de projetos estatais numa lógica *top-down*, cujas ações contribuem para melhorar a imagem da autarquia e evitar que o descontentamento dos moradores se transforme em revolta (Idem). As visitas guiadas são exemplares de um modelo de participação que restringe a política à “moldura do Estado” (Tommasi, 2014, p. 537), tornando os jovens objetos de discursos e políticas, “não-sujeitos” na medida em que as suas ações são instrumentalizadas sem que os seus anseios sejam atendidos. A retórica do empreendedorismo é parte fundamental dessa “tecnologia de poder” (Foucault, 1977, p. 116), em que a criatividade da juventude é posta ao serviço da autarquia, o que também significa diluir a responsabilidade desta pelas más condições de trabalho e moradia.

Incorporar as reivindicações dos moradores do bairro é essencial para que o espaço público não seja apenas um cenário nas visitas guiadas, cujos murais artísticos ornamentariam processos de precarização. Ao pôr em segundo plano as prioridades dos moradores, a linguagem da GAP transforma as concepções de cidadania e acesso aos

direitos à habitação em simples noções vinculadas à ideia (positiva) da diversidade cultural, em que as expressões artísticas são recondicionadas para efeitos de gestão da pobreza. Os guias comunitários estão conscientes das limitações dessa política pública e fazem “usos da rua” não previstos, a disputar uma perspectiva de cidadania mais democrática. Este é o caso das visitas ao bairro organizadas de forma independente da Prefeitura, eventos que traduzem a preocupação dos guias em se auto-organizarem segundo os seus próprios modelos, resistindo a uma política pública que naturaliza o regime de subalternidade em que estão imersos.

5. Bibliografia

ALVES, Ana Rita. (Pré)Textos e Contextos: media, periferia e racialização”. *Revista de Ciências Sociais Política & Trabalho*, n.44, p.91-107, 2016.

ARANTES, Otilia. Uma estratégia fatal: a cultura nas novas gestões urbanas. In: ARANTES, Otilia; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia (orgs.). *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. Petrópolis: Vozes, 2000.

BAPTISTA, Luís; CORDEIRO, Graça. Presentes e desconhecidos: reflexões socioantropológicas acerca do recente fluxo migratório no concelho de Loures. *Sociologia, Problemas e Práticas*, n. 40, p.23-43, 2002.

CAMPOS, Ricardo. *Porque Pintamos a cidade? Uma Abordagem Etnográfica do Graffiti Urbano*. Lisboa: Fim de Século, 2010

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES (CML). *Actualização do Diagnóstico Social Concelho – 2010 – Relatório dos dados quantitativos*. 2010. Consultado a 07.02.2018, em: app.cm-loures.pt/redesocial/dados_quantitativos_estrutura_concelho.pdf

DIÁRIO DE NOTÍCIAS (DN). *Arte Urbana para recuperar imagem da Quinta do Mocho*. 03.10.2014. Consultado a 07.04.2016, em: <https://www.dn.pt/artes/interior/arte-urbana-para-recuperar-imagem-da-quinta-do-mocho-4158433.html>

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

EUROPEAN MONITORING CENTRE ON RACISM AND XENOPHOBIA (EUMC). *National Analytical Study on Housing*. RAXEN Focal Point for Portugal. 2003. Consultado a 29.09.2016, em: https://fra.europa.eu/sites/default/files/fra_uploads/253-PT_Housing.pdf

FERRO, Lígia. *Da Rua para o Mundo: etnografia urbana comparada do graffiti e do parkour*. Lisboa: ICS, 2016.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2008.

LETRIA, Pedro; MALHEIROS, Jorge. *À descoberta dos novos descobridores*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999.

LAHON, Didier. O escravo africano na vida económica e social portuguesa do antigo regime. *Africana Studia*, n.7, 2004.

MARÔPO, Lidia. Identidades e estigmatizazação: as notícias na perceção de crianças e jovens de um bairro de realojamento. *Análise Social*, v. XLIX, n.210, p. 104-127, 2014.

PÚBLICO. *O bairro onde ninguém quer entrar já 'recebe mais visitas que os museus'*. 12.05.2016. Consultado a 22.06.2016, em: <https://www.publico.pt/2016/05/12/local/noticia/o-bairro-onde-ninguem-queria-entrar-ja-recebe-mais-visitas-do-que-os-museus-1731827>

RAMALHO, Sónia e TROVÃO, Susana. *Repertórios femininos em construção num contexto migratório pós-colonial*. Lisboa: Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, 2010.

RAPOSO, Otávio; VARELA, Pedro. Faces do racismo nas periferias de Lisboa. Uma reflexão sobre a segregação e a violência policial na Cova da Moura, *Atas do IX Congresso Português de Sociologia*. Lisboa: Associação Portuguesa de Sociologia, 2017.

RAPOSO, Otávio; VARELA, Pedro; ALVES, Rita e ROLDÃO, Cristina. Negro drama. Racismo, segregação e violência policial nas periferias de Lisboa. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 2018 (no prelo).

SHAPIRO, Roberta; HEINICH, Nathalie. Quando há artificação? *Sociedade e Estado*, v.28, n.1, p.14-28, 2013.

SOUZA, Regina. *O discurso do protagonismo juvenil*. São Paulo: Paulus, 2008.

TINHORÃO, José Ramos. *Os Negros em Portugal: uma presença silenciosa*. Lisboa: Caminho, 1997.

TOMMASI, Livia. Tubarões e peixinhos: histórias de jovens protagonistas, *Educação e Pesquisa*, v.40, n.2, p.533-547, 2014.

TSF. *Um bairro problemático transformado em Galeria de Arte Pública*. 29.10.2015. Consultado a 15.01.2017, em: <https://www.tsf.pt/cultura/interior/um-bairro->